



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

A terminologia da lavoura canavieira em José Lins do Rego

Iris Palaoro de Oliveira¹; Flavio Franca²

1. Iris Palaoro de Oliveira, PIBIC/FAPESB, LETRAS-LINGUA PORTUGUESA, e-mail: irispalaoro@gmail.com

2. Flavio Franca, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, e-mail: ffranca@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Etnoterminologia, cultura da cana-de-açúcar, José Lins do Rego

INTRODUÇÃO

A Etnoterminologia é um campo da Terminologia que se dedica ao estudo das unidades lexicais que caracterizam linguagens de especialidade em textos de outras áreas, particularmente identificáveis em produções literárias (cf. Barbosa, 2006), revelando aspectos linguísticos e culturais de um determinado grupo social, no caso da indústria açucareira. Essas unidades possuem características próprias, configurando-se como símbolos de um universo específico e apresentando valor histórico e cultural, fundamentais para a compreensão da linguagem especializada e da construção da identidade coletiva por meio da literatura.

As obras *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*, de José Lins do Rego (1932, 1933, 1934), representam um rico campo de análise etnoterminológica por refletirem a vivência do autor no contexto dos engenhos de açúcar nordestinos, que apresentam toda uma terminologia específica da indústria açucareira da época. A proximidade entre a biografia do escritor e a trajetória do personagem Carlinhos confere autenticidade ao discurso literário, marcado por um vocabulário especializado relacionado à cultura da cana-de-açúcar. Esse repertório linguístico, carregado de significados históricos e sociais, constitui uma importante fonte para o estudo do léxico regional e de suas implicações culturais.

O presente trabalho se justifica pela contribuição que oferece ao entendimento da relação entre linguagem, cultura e memória histórica. A análise das obras de José Lins do Rego possibilita compreender como a terminologia específica relacionada ao cultivo da cana-de-açúcar expressa o contexto sociocultural do Nordeste brasileiro no início do século XX, período de transição dos engenhos para as usinas. Assim, o estudo objetiva analisar o léxico etnoterminológico relacionado à indústria açucareira presente nas obras *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*, de José Lins do Rego, identificando e interpretando os termos específicos relacionados à cana-de-açúcar presentes em suas narrativas, produzidas no contexto do século XX, período marcado pela decadência dos engenhos e pelo surgimento das usinas.

METODOLOGIA

Os romances *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê* foram analisados em busca de termos utilizados na cultura canavieira, conforme se apresentava na época da construção da obra de José Lins do Rego. Os termos associados à cultura da cana de açúcar no Brasil, tem como pano de fundo a obra sociológica de Gilberto Freyre sobre o tema (Freyre, 1933, 1937, 1939)

Leituras do livro em apreço foram realizadas, colhendo os termos ligados a esta cultura, reunidos em uma planilha eletrônica (planilhas google). Uma vez a lista organizada na planilha, significados foram associados aos termos com base em dicionários digitais e glossários como (dicionário colonial, glossários)

Esse artigo tem 3 pilares referenciais, o romance “Menino de Engenho” do autor José Lins do Rego, a disciplina Etnoterminologia, e as obras Açúcar e Nordeste do autor Gilberto Freyre (1937, 1939).

A partir da leitura da obra de gilberto freyre, Açúcar e Nordeste, foi feito o estudo de termos relacionados a cultura de cana de açúcar, o que foi muito importante para o entendimento das estruturas sociais e do funcionamento de um engenho, preparando o terreno para a leitura da obra de Lins do Rego.

Além disso, com o intuito de adquirir conhecimento para fazer a coleta correta dos dados da trilogia de José Lins do rego, foram lidos diversos artigos sobre etnoterminologia (e.g. Pais e Barbosa, 2004; Barbosa, 2006)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada teve como foco a identificação e análise dos termos relacionados à cultura açucareira presentes na trilogia *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *Banguê* (1934), de José Lins do Rego. Foram encontrados 1321 termos, sendo 107 diferentes, com destaque para “engenho”, que aparece 427 vezes (32,3% do total), seguido por “cana” (7,5%), “casa-grande” (6,81%) e “senhor de engenho” (5,83%). Esses resultados permitiram uma reflexão interpretativa sobre a recorrência dessas palavras e o significado social de sua frequência, evidenciando como certos vocábulos assumem papel central na construção simbólica da narrativa e na representação da cultura açucareira.

Em *Menino de Engenho*, romance de caráter autobiográfico, José Lins do Rego retrata o universo do engenho sob a ótica do menino Carlinhos, revelando o cotidiano, as hierarquias e a nostalgia do mundo rural nordestino. Nessa obra, o termo “engenho” apresenta múltiplos sentidos — ora designando a propriedade do senhor, ora a unidade de produção ou até mesmo um nome próprio de localidade — o que demonstra a riqueza e a complexidade semântica da linguagem utilizada pelo autor. Essa pluralidade lexical reflete não apenas a materialidade do espaço açucareiro, mas também seu valor simbólico, ligado ao poder e à tradição patriarcal.

Já em *Doidinho*, o cenário muda, mas a memória do engenho permanece como referência identitária. Apesar de o romance registrar menor número de termos

açucareiros — 115 ao todo —, a presença constante da palavra “engenho” reafirma a centralidade desse elemento na formação do protagonista. O termo “roleta de cana”, exclusivo dessa obra, revela como a linguagem preserva fragmentos do cotidiano e dos costumes populares. Mesmo longe do espaço rural, o vocabulário etnoterminológico continua a mediar a relação entre o passado e o presente, mostrando que a herança do engenho ainda define o imaginário e as experiências das personagens.

Por fim, em *Banguê*, o autor aborda a decadência dos engenhos e o declínio do sistema patriarcal açucareiro. Apesar do colapso econômico e simbólico, a linguagem continua centrada em termos como “engenho”, “casa-grande” e “senhor de engenho”, evidenciando uma visão nostálgica e senhorial do passado. A etnoterminologia revela, nesse contexto, o poder da linguagem em preservar hierarquias e silenciar as vozes dos trabalhadores forçados. Essa constatação se aproxima das críticas de autores como Lara (1996) e Chalhoub (1990), que apontam o apagamento das experiências subalternas em narrativas que privilegiam a elite.

Assim, a análise etnoterminológica da trilogia mostra que o léxico açucareiro ultrapassa sua função descritiva, tornando-se expressão de poder, memória e resistência. Termos como “engenho” e “casa-grande” não apenas nomeiam, mas organizam uma visão de mundo que valoriza a figura do senhor e minimiza o papel dos trabalhadores. Ao reconhecer esse viés, a pesquisa reforça a importância da etnoterminologia como instrumento de leitura crítica da literatura, permitindo desvelar as relações de poder inscritas na linguagem e resgatar as vozes silenciadas que também compõem a história cultural da cana-de-açúcar no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que, mesmo em obras literárias e ficcionais, como as de José Lins do Rego, é possível identificar e sistematizar termos técnicos vinculados a contextos socioculturais específicos. No caso da cultura da cana-de-açúcar, o vocabulário empregado revela não apenas aspectos produtivos, mas também significados simbólicos e históricos ligados à formação da sociedade nordestina.

O estudo evidencia que o romance pode servir como fonte legítima para pesquisas etnoterminológicas, pois integra técnica, cultura e memória social. A literatura, ao incorporar o léxico especializado em suas narrativas, torna-o acessível e contribui para a preservação de expressões que refletem modos de vida e relações de trabalho.

Assim, a literatura se configura como um espaço onde a terminologia expressa disputas simbólicas e ideológicas, perpetuando determinadas visões de mundo. Reconhecer esse viés permite ampliar o olhar sobre a cultura da cana-de-açúcar, resgatando as vozes marginalizadas e compreendendo a linguagem como um campo de poder, memória e resistência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos, *Ciência e Cultura*, v.58, n.2, p. 48-51 2006.

BARICKMAN, B. J. E se a casa-grande não fosse tão grande? *Afro-Ásia*, n. 21, p. 145-182, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2019 [1933].

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004 [1937].

FREYRE, Gilberto. *Açúcar*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2020 [1939]

GOOGLE. *Google Planilhas*. [S. l.]: Google LLC, [2025]. Disponível em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/>>. Acesso em: 6 set. 2025.

LARA, Silvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

PAIS, Cidmar; BARBOSA, Maria. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma Etnoterminologia. *Matraga*, v. 16, p. 79-100, 2004.

REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1932.